

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO E LONGA DURAÇÃO NAS SERRAS DO PARAOPEBA, NEGRA E DO ITABIRA, MG

Rogério Tobias Junior, Évelin Luciana Malaquias Nascimento & Igor Morais Mariano Rodrigues

Introdução

O presente capítulo busca estabelecer relações entre os contextos de ocupação humana nas regiões das Serras da Moeda, Cachimbo/Calçada, Curral, Três Irmãos, Itatiaiuçu e Itabirito, contemplados por toponímias específicas, considerando a paisagem como elo fundamental de relacionamento entre elas.

Por meio de parte das pesquisas arqueológicas acadêmicas e relacionadas a licenciamentos ambientais na área de estudo, foram levantados cerca de 300 sítios arqueológicos históricos e pré-coloniais distribuídos pelas serras e entorno. Esses carecem de integração contextual mínima a fim de alcançar resultados que possam extrapolar as observações e explicações intra-sítio. Esse cenário já permite uma primeira aproximação acerca de sua organização e interação com a paisagem regional.

A área de estudo (Figura 1) se insere na região do Quadrilátero Ferrífero/MG, em sua porção oeste. Contempla as bacias do Rio Paraopeba e das Velhas, parte da bacia São Franciscana, relevantes vetores de dispersão populacional no passado. É marcada pela ocorrência abrangente de rochas ferríferas e quartzíticas que conferem aspectos particulares à paisagem, apropriados de modos distintos ao longo do tempo pelas populações humanas.

Aspectos paisagísticos na área de estudo

As serras em foco se impõem no relevo como elevações topográficas que ultrapassam os 1.200 metros de altitude. Durante o período colonial e posteriormente, foram tratadas por toponímias distintas, expressões de visões particulares acerca da paisagem regional.

As Serra da Moeda, Cachimbo, Calçada e Rola Moça ao longo de seus 54km, eram chamadas de Serra do Paraopeba, segundo elevações de orientação aproximada Sul/Norte. Estendem-se desde os arredores do município de Congonhas/MG até seu encontro com a Serra do Curral.

As serras do Curral, Três Irmãos e Itatiaiuçu, por sua vez, integram a Serra Negra, com 73km de extensão, referencial marcante na paisagem, que divide os altos cursos dos Rios Paraopeba e das Velhas, de suas porções médias e inferiores. Sua orientação aproximada, de nordeste para sudoeste e seu posicionamento permitem seu encontro com a Serra do Paraopeba.

Foi em função do encontro das serras do Paraopeba e Negra que se estabeleceram as divisas das Comarcas durante o período Colonial, delimitando a de Sabará, ao norte, a de Vila Rica, a leste, e a do Rio das Mortes, a oeste, demonstrando a relevância dessas serras no período histórico (Vasconcelos, 1901).

A Serra de Itabirito, outrora Serra de Itabira, se impõe na porção oriental da área de estudo e possui feição marcante na paisagem: o Pico do Itabirito, a 1.580 metros de altitude. Ela segmenta o relevo intermediário entre a Serra do Paraopeba, marcado pelo Platô da Sinclinal Moeda, por volta de 1.300m de altitude e menor ocorrência de formações ferríferas, do relevo mais a leste, caracterizado pela depressão do Rio das Velhas entre 900 e 1.000 m (GATE-CPRM, 2005). A Serra do Paraopeba também opera de maneira semelhante na direção do rio homônimo, entre 750 e 1.000m. Já a Serra Negra apresenta relevo mais abrupto que as demais, entre 1.000 e 1.300m.

A geologia e geomorfologia regional denota distribuição distinta de feições do relevo e de recursos ambientais na área de estudo. Segundo Varajão *et al* (2009), as terras altas, marcadas por compartimentos serranos dispostos em cristas e superfícies erosivas soerguidas, estão vinculadas ao Supergrupo Minas, compostos por itabiritos e quartzitos.

Nas áreas de cristas e bordos ao longo das serras, ocorrem também superfícies lateríticas extensas, as quais contribuem para o desenvolvimento de características morfológicas particulares acima dos 1.300 metros de altitude (GATE-CPRM, 2005) e de abrigos e cavidades em formações ferríferas e quartzíticas, relatadas na bibliografia arqueológica e na do meio físico (Oliveira, Olivito, & Rodrigues-Silva, 2011; Auler, Ferreira, Baeta, & Piló, 2005).

Nas terras de altitude mediana, é indicada a ocorrência do Supergrupo Minas e Rio das Velhas, predominando quartzitos, xistos e filitos. Estão situadas abaixo dos 1.200 metros até cerca de 900m de altitude e são caracterizadas por escarpas e esporões.

Já as terras baixas se inserem sobre o embasamento granito/gnáissico, abaixo dos 900 metros, e caracterizam os níveis de base no Rio das Velhas e Paraopeba. O relevo no primeiro consiste em morros de topos aguçados, e no outro predomina o relevo colinar (GATE-CPRM, 2005).

Paisagem: perspectivas para a integração contextual da área de estudo

Sabendo da relevância das unidades de relevo no desenrolar histórico, administrativo e econômico das ocupações humanas na região pesquisada, buscamos compreender como os sítios conhecidos poderiam relacionar-se em razão de uma corrente mais ampla de atividades distribuídas pela paisagem. A partir de poucas variáveis disponíveis para tal fim nas fontes acessadas, quais sejam, a localização dos sítios arqueológicos e sua distribuição, os materiais e estruturas componentes, a tecnologia e, quando possível, a destinação funcional atribuída, pretendemos ampliar o cenário arqueológico da área de estudo por meio da inserção dos contextos locais dos sítios em um contexto regional minimamente conhecido. Partimos de uma perspectiva integrativa que considera a paisagem um processo temporal que compila repertórios históricos dos diversos agentes envolvidos nela (Ingold, 2000; Darvill, 1999).

Uma abordagem tradicional busca articular os elementos na paisagem considerando significados e formas físicas como universos separados, desvinculados entre si e articulados por intermédio de processos cognitivos. A paisagem seria uma realidade que opera na mente, a qual guia as ações dos indivíduos numa realidade externa a eles próprios (Cosgrove & Daniels, 1988; Beneš & Zvelebil, 1999; Anschuetz, Wilshusen, & Schieck, 2001).

Adotamos uma perspectiva baseada na ecologia da percepção, que pressupõe que a paisagem é produto extrínseco à dualidade mente/corpo (Gibson, 1986; Ingold, 2000). As formas e caracteres da paisagem se compõem como um somatório de performances desenvolvidas sobre uma trama histórica sobreposta, que pressupõe a agência humana e não humana. Os significados se encontram inscritos nela e se relacionam com as feições físicas e históricas, viabilizando o estabelecimento de visões diacrônicas do processo paisagístico.

A investigação arqueológica, nessa perspectiva, busca recuperar parte dos significados historicamente inscritos, respeitadas as devidas escalas de análise possíveis, e trazer à tona elementos ainda não discutidos acerca das distintas performances vivenciadas pelas populações pretéritas na área de estudo.

A perspectiva aqui colocada para a paisagem a entende como um processo ininterrupto de relações históricas entre os seres habitantes e feições ambientais. Possui extremado caráter temporal, articulado em diversas escalas, que impõe ritmos específicos em sua trajetória, conforme o repertório performativo envolvido em suas relações com os seres.

As ações são partes das relações estabelecidas nela, sem que a antecedam ou a precedam. Fazem parte dela. Surgem de um contexto relacional marcado pela recuperação de performances corporais e/ou sua adequação à situação colocada, e não a um plano pré-concebido de atuação.

Diante dessa articulação, propomos que a paisagem se encontra em *movimento*, e é exatamente por isso que possui acertado caráter temporal. Esse movimento se desenvolve em escalas distintas e dele participam os seres humanos, um dos contribuintes históricos à sua construção. Ritmos específicos, marcados por trajetórias e repertórios performativos distintos carregam, assim, nuances e elementos relevantes na compreensão das diversas formas desenvolvidas pelos seres humanos para se relacionarem com os demais agentes. É em razão do movimento que as pessoas orientam sua participação no mundo, constroem uma noção de lugar e, principalmente, habitam (*to dwell*. Ingold, 2000).

Esse fenômeno perceptivo do ambiente em que se inserem os seres humanos faz com que o movimento seja o responsável pela construção de uma compreensão do mundo regida por repertórios corporais historicamente construídos e constantemente referenciados e revistos na prática cotidiana (Ingold, 2000; Sahlins, 2001). É no envolvimento relacional dos seres humanos com as diferentes experiências e repertórios inscritos na paisagem e com os demais seres que surgem novas formas de interação e se mantêm as antigas.

Entendemos que os sítios arqueológicos são os vértices nesse fluxo de movimento, e que não podem ser compreendidos, em algumas escalas, através de uma segmentação espacial forçada dos locais com maior densidade de vestígios materiais (Willey & Phillips, 1958; Ingold, 2000). A paisagem em que estão inseridos atua nas relações que estabelecem com o ambiente, tornando

irrelevantes os limites imaginários estabelecidos nas abordagens tradicionais (Dunnell, 1992). Os sítios teriam, então, limites instituídos de modo arbitrário, condicionados pela dispersão superficial de seus componentes materiais, e não por sua participação como lugar, numa matriz histórica de movimento (Beneš & Zvelebil, 1999; Cobb, 1991).

A questão das ocupações humanas no Quadrilátero Ferrífero

A historiografia do território mineiro apresenta a região do Quadrilátero Ferrífero, as Minas de outrora, como um ambiente pouco propício à instalação humana. Os indígenas, detentores de supostas limitações evolutivas e tecnológicas, seriam mais afetados por esse ambiente. Esse contexto foi recorrentemente utilizado na bibliografia para justificar a pequena ocorrência de grupos indígenas na região, quando dos primeiros desbravamentos e durante o período colonial. Alguns autores, por outro lado, reúnem relatos sobre a presença de pequenos grupos de indígenas, em bandos, distribuídos em baixa densidade ao longo da região mineira.

Os testemunhos históricos sugerem que as primeiras expedições rumo ao território mineiro, a partir dos sertões do São Francisco ou da Serra da Mantiqueira, se valeram dos conhecimentos indígenas do território. Os exploradores teriam sido guiados por indígenas à região das minas por seus caminhos (Abreu, 1979; Carrara, 2007). Os relatos sugerem que o conhecimento indígena acerca da paisagem regional foi compartilhado com as expedições que precederam e as que desencadearam as explorações auríferas. Como aponta Anastasia (2005:28):

“Essas expedições que partiam de São Paulo eram montadas com grande número de homens brancos, presença de religiosos e um número ainda maior de indígenas, que conheciam aquelas paragens inóspitas, eram indispensáveis na abertura de picadas e como guias no conhecimento das coisas do sertão, dos alimentos exóticos e tropicais.”

A ocupação histórica da região mineira tendeu à convergência em determinados lugares ou áreas, em detrimento de conjuntos de ações difusas na paisagem. Se, inicialmente, as explorações paulistas nas Minas se movimentavam constantemente ao longo de rios e córregos que apresentavam pintas ricas, na segunda hora desenvolveu-se uma tendência à maior fixação, a fim de permitir investimentos maiores na mineração e na prática agropastoril (Antonil, 1982; Vasconcelos, 1901).

O estabelecimento de minerações auríferas e, posteriormente, ferríferas na região, aprofundou a concentração de atividades, ocupações e trabalho em áreas onde a atuação dos agentes humanos estava voltada à obtenção de minérios.

As grandes fomes do final do século XVII e início do XVIII, resultado da priorização da exploração mineral em detrimento de atividades de subsistência, motivaram a consolidação das atividades agropastoris, notadamente no vale do Rio Paraopeba e médio/alto Rio das Velhas. A instalação de fazendas nessas áreas e a importação de víveres permitiu o efetivo abastecimento de víveres nas áreas das Minas, onde também tal atividade foi desenvolvida (Carrara, 2001).

Os caminhos utilizados no desbravamento, ocupação e realização de atividades no território das Minas tornam-se marcantes nesse cenário, pois constituem eixo de fluxo de pessoas e coisas terra adentro. Abreu (1979) e outros autores já descreviam a relevância dos caminhos antigos para o povoamento do território mineiro, destacando a manutenção de alguns deles ao longo do desbravamento e ocupação do território, já no período pós-contato (Carrara, 2007).

Foi por meio desses caminhos e de novos, oficiais ou extraoficiais, que se efetivaram as relações necessárias ao estabelecimento das ocupações, sejam pré-coloniais ou históricas. Esses muitas vezes foram estruturados, durante e após o período colonial, por meio da realização de obras viárias, forte instrumento de poder da metrópole, ou simplesmente pelo estabelecimento de inscrições simbólicas em seu curso (Almeida, 2007).

As pesquisas arqueológicas já realizadas na região das Minas, acadêmicas ou preventivas, vêm revelando importantes elementos na trama histórica nessa área. A maior parte dos dados gerados, atualmente, correspondem a levantamentos produzidos no âmbito de licenciamentos ambientais, sendo a sua contribuição indelével para a multiplicação de categorias e tipos de bens arqueológicos registrados na região.

Enquanto um sem-número de pesquisas vinha identificando vestígios históricos em abundância, o estudo ambiental relacionado à implantação da Mina de Capão Xavier (Nova Lima/MG) evidenciou bens pré-coloniais, entre os quais material cerâmico e lítico, em cavidades em minério de ferro. (Baeta & Piló, 2005; B.P. Arqueologia, 2006)

Nas pesquisas subseqüentes, o contexto arqueológico colocava a possibilidade de que as cavidades ferruginosas poderiam ter sido ocupadas de modo mais sistemático por grupos humanos. A identificação de vestígios pré-coloniais e históricos em cavidades e abrigos ferruginosos denotou que esses locais foram utilizados para fins distintos no passado.

Em muito maior proporção, multiplicaram-se os sítios conhecidos relacionados às atividades minerárias, agropastoris, viárias, núcleos urbanos, entre outros. A ocupação do território aurífero permitiu a ampla dispersão de densa rede de lugares relevantes à trajetória histórica de Minas Gerais e ao estabelecimento de uma paisagem permeada por ela.

No presente estudo, foram consultadas 16 fontes relacionadas à produção acadêmica e ao licenciamento ambiental, que permitiram a enumeração e localização espacial de cerca de 300 sítios arqueológicos, principalmente na área de estudo (B.P. Arqueologia, 2004, 2006; Brandt, 2008; Delforge, 2010; M.C. Consultoria, 2010, 2011; Nicho, 2010; Ecology, 2012; Lume, 2011; 2013, 2014a, 2014b, 2015; Sete, 2010; 2011; 2012; Figura 3).

Os sítios caracterizados em cada fonte foram classificados, quando possível, quanto à sua categoria cronológica: se pré-colonial (antes do contato) ou histórico (após o contato), sua exposição (em/com abrigo ou a céu aberto) e o tipo de sítio ou de vestígio componente. Características tecnofuncionais e econômicas predominantes nem sempre são passíveis de serem apreendidas, o que se reflete em parte dos sítios compilados. Buscamos, então, atribuir tipos aos sítios, também em razão de suas características tecnológicas predominantes, quando não foi possível realizar uma categorização de base tecnofuncional para os vestígios.

Contam-se, nas fontes acessadas, 297 sítios arqueológicos, dos quais trinta e seis são pré-coloniais, oito são mistos (pré-coloniais e históricos), 195 são históricos, e para os demais cinquenta e oito não foi possível atribuir uma categoria devido à ausência de informações específicas. Distribuem-se por 18 municípios na área de estudo proposta (Tabela 1, Figura 3).

Tabela 1 - Quantidades de tipos de sítios arqueológicos por município.

Município/Tipo	Pré Colonial				Históricos											Desconhecido	Total Geral			
	Lítico	Cerâmico	Rupestre	Lito-Cerâmico	Mineração	Atividade rural	Fazenda	Acampamento	Estruturas/Sistema viário	Estrutura de pedra	Estruturas habitacionais	Núcleo Urbano	Estruturas de adução	Fábrica	Religioso			Estrutura Ferroviária	Geração	
Belo Horizonte	1			1	2			2		1										7
Belo Vale					1	3	6		1		1	1				1				14
Bonfim	1																		5	6
Brumadinho	1	1	2		18	10	10	4	6	1	1	2		1			1	4		62
Congonhas			1																17	18
Ibirité				1				3		1										5
Itabirito	6	2	2	1	26	10	4	3	1	5			2							62
Itatiaiuçu		2				4					2									8
Jeceaba									1										21	22
Moeda		1				1	6		3		2	2			1				2	18
Nova Lima	7	5		2	15	4	2	11	3	2	1		1						1	54
Ouro Preto														1						1
Raposos																			1	1
Rio Acima	1				2	1	1													5
Rio Manso																			5	5
São Brás do Suaçuí																			2	2
Santa Bárbara	1		3	1																5
Sarzedo		1																		1
Total Geral	16	14	8	6	64	33	29	23	15	10	7	5	3	2	1	1	1	1	58	297

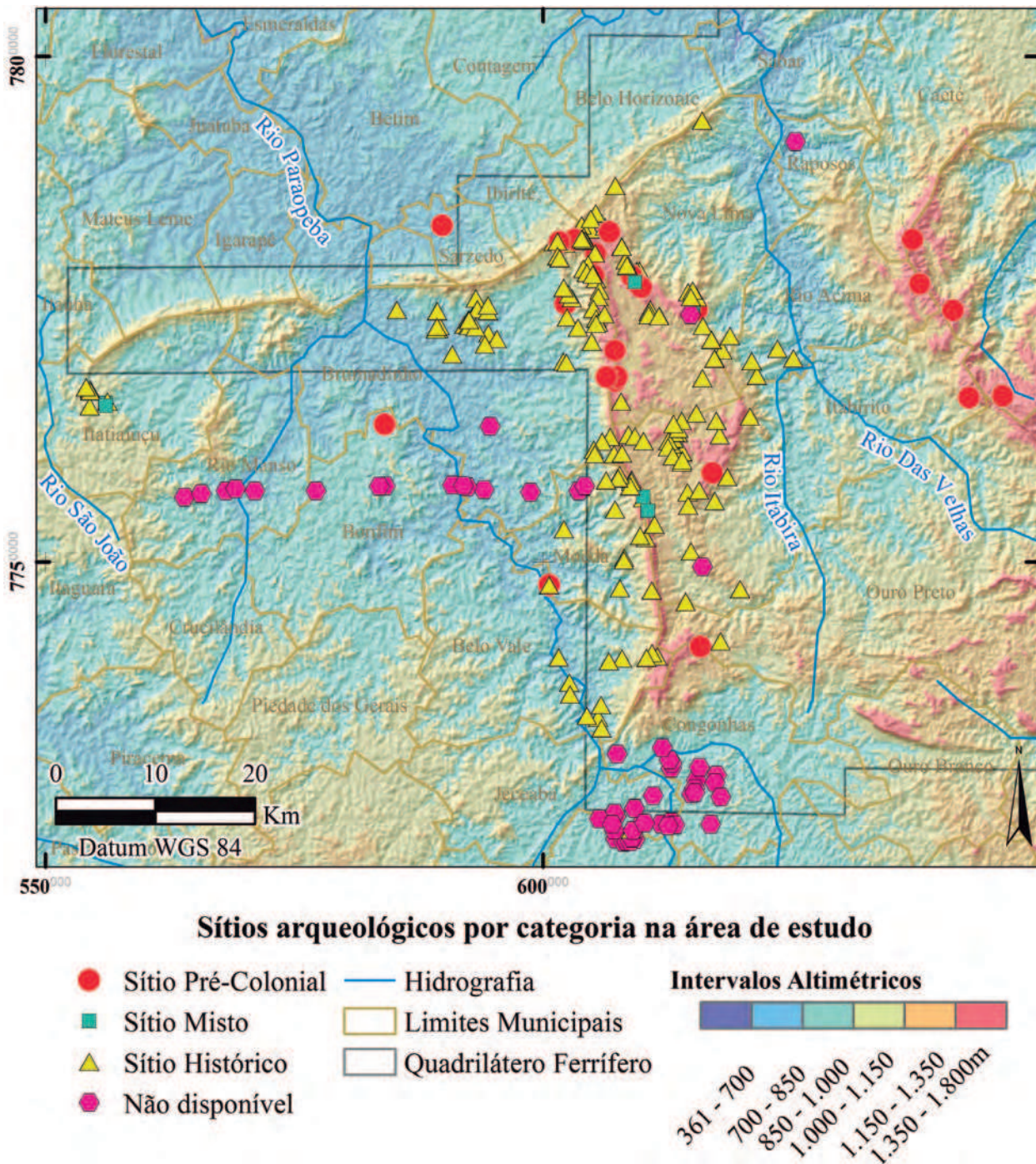


Figura 3 - Sítios arqueológicos por categoria na área de estudo.

Considerando os tipos de vestígios presentes em cada sítio, em relação aos pré-coloniais e aos mistos, predominam os sítios líticos (16), seguidos pelos cerâmicos (14), rupestres (8) e lito-cerâmicos (6). Desse total, trinta e três estão associados a abrigos ou cavidades (sendo 10 líticos, 9 cerâmicos, 8 rupestres e 6 lito-cerâmicos), e os demais onze estão a céu aberto.

Em relação ao período histórico, na amostra analisada, predominam os sítios de mineração (64) que caracterizam explorações auríferas e ferríferas pretéritas. Fazendas (29) e vestígios que caracterizam variados tipos de atividades rurais e agropastoris (33) somam sessenta e dois. Sítios compostos por elementos indicativos de ocupações temporárias e acampamentos históricos são vinte e três (23), seguidos pelos relacionados a estruturas e sistemas viários (15). Além desses, ocorrem estruturas de pedra cuja tipologia funcional não pôde ser estimada (10), núcleos habitacionais rurais (7) e urbanos (5), estruturas de adução (3), fábricas (2), líticos, religiosos, estruturas ferroviárias e de geração de energia (todos contando com 1 sítio cada). Desse total, vinte se encontram em abrigos ou cavidades naturais.

Sintetizamos, das fontes consultadas, sítios arqueológicos dispersos pela área de estudo, com concentrações de tipos de vestígios em alguns locais na paisagem, notadamente nas terras altas. Os sítios pré-coloniais da amostra se encontram predominantemente em abrigos e cavidades, em oposição aos sítios a céu aberto. Já os sítios históricos, também com maior densidade nas áreas serranas, estão majoritariamente a céu aberto, havendo pequena quantidade de vestígios em áreas abrigadas e cavidades.

É provável que a maior densidade de sítios arqueológicos identificados nas áreas serranas seja influenciada pela concentração dos estudos dos licenciamentos ambientais nessas áreas. No entanto, a quantidade de sítios na amostra já fornece informações suficientes para uma abordagem inicial.

Vários desses já sofreram impactos ou foram suprimidos em razão da implantação e operação de empreendimentos, notadamente os minerários. Tal razão não pôde ser concretamente alcançada por meio das fontes consultadas, sendo necessários estudos mais aprofundados para que se conheça a quantidade exata de sítios impactados e preservados. Sabemos, por outro lado, que a maior parte deles se encontra em franco risco de destruição por projetos de desenvolvimento e pela expansão de áreas urbanas e loteamentos.

Outros processos atuam na degradação e/ou obliteração, supressão e desestruturação de estruturas arqueológicas, afetando as formas com que essas se apresentam. Nesses termos, os sítios reunidos aqui consistem numa assembleia de lugares que não caracteriza a totalidade. A amostra apresentada configura uma fração considerável, mas que denota concentrações de sítios nas áreas onde ocorreram os levantamentos aqui sintetizados. Há vazios, porém, nos quais não se conhece a realidade arqueológica e cujo potencial é acentuado por inferência às proporções nas áreas vizinhas.

A amostra apresentada congrega elementos de diversos períodos históricos e várias organizações tecnológicas. Esses atributos carregam informações relevantes à compreensão abrangente da trajetória histórica de ocupação do Quadrilátero Ferrífero, no âmbito da paisagem.

Um momento inicial? Sítios rupestres e sua distribuição

Os nove sítios com arte rupestre no Quadrilátero Ferrífero se encontram em abrigos sob rocha usualmente quartzítica. Todos possuem grafismos rupestres pintados em seus suportes rochosos recorrentemente subverticais, variando a quantidade de figuras e também a densidade de ocorrência. As figuras pintadas são predominantemente zoomórficas, ocorrendo também geométricas e antropomorfas esquematizadas, usualmente associadas às primeiras. Os grafismos de alguns desses sítios foram atribuídos à Unidade Estilística Tradição Planalto (Siqueira, Mota, & Prous, 1989; SEMAD/IEF, 2007; M.C. Consultoria, 2010).

Esse conjunto gráfico apresenta ampla dispersão no território mineiro, pela Região Central, com concentrações nas regiões de Lagoa Santa e Serra do Cipó, e Região Norte, nas de Diamantina, Serra do Cabral e Montes Claros. Seus aspectos estilísticos principais são a expressão de temática zoomórfica, incluindo algumas figuras semelhantes a cervídeos, outros quadrúpedes e peixes, frequentemente acompanhados de figuras antropomórficas pouco naturalistas, com notável esquematização, e possui formas distintas de realização ao longo do tempo (Linke & Isnardis, 2008).

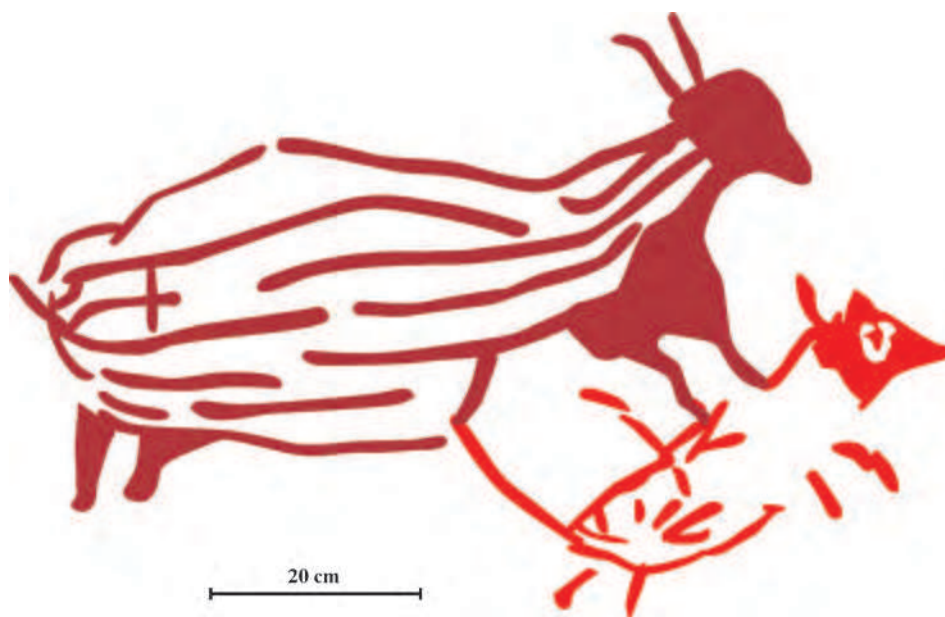


Figura 4 - Grafismos rupestres zoomórficos digitalizados a partir de fotos dos Abrigo do Campo. Serra de Capanema/MG. Digitalização: Rogério Tobias Junior.

As pesquisas em Santana do Riacho recuperaram datas que permitiram a inserção dos grafismos vinculados à Tradição Planalto num intervalo temporal mais restrito. A presença blocos pintados entre estratos arqueológicos datados permitiu a obtenção de cronologias entre 4.340 e 3.990 antes do presente (AP) e também após os 2.000 AP. Figuras mais antigas foram identificadas, mas não puderam ser atribuídas ao conjunto em foco (Prous & Baeta, 1992/3).

A arte rupestre conhecida no Quadrilátero, vinculada a esse conjunto, pode também inserir-se nesse lapso de tempo, com produção a partir dos dois últimos milênios até 4.300 AP. Considerando essa cronologia, os grafismos rupestres consistiriam nos vestígios antrópicos de maior antiguidade até o momento identificados na área de estudo.

Na região pesquisada, os sítios rupestres estão distribuídos em diversas porções dos compartimentos serranos, desde áreas de cumeada, como o Abrigo do Pico (próximo ao Pico do Itabirito – Itabirito/MG), pelas vertentes, como a Lapa do Boneco (Serra de Capanema, Itabirito/MG) e o Abrigo Retiro das Pedras (Serra da Calçada, Brumadinho/MG) até as porções inferiores, como o Abrigo Casa Branca (Serra da Calçada, Brumadinho/MG). O domínio visual abrangente da paisagem a partir dos sítios é um atributo comum (Figura 5).

Essa amplitude visual permite que, de um abrigo com pinturas e das feições do entorno, se tenha conhecimento de parte da paisagem numa distância de até 15 quilômetros. São frequentemente visíveis partes das serras em tela e feições marcantes do entorno de sítios rupestres (Figura 5 e 6).

A inserção na paisagem dos sítios rupestres listados mostra que se situam nos limiares da intervisibilidade. Sugere, então, que sua situação paisagística está associada às possibilidades locais de domínio visual e de posicionamento ao longo de faixas de terreno preferenciais para o movimento entre os sítios. Estariam relacionados pela recorrência estilística e também por propiciarem cobertura visual abrangente e sequencial de faixas do terreno mais regulares como cumeada e platôs, e de porções acidentadas da paisagem.



Figura 5 - Vista de extensa faixa da Serra da Moeda a partir do Abrigo do Pico, Itabirito/MG. Foto: Rogério Tobias Junior.



Figura 6 - Vista do Pico do Itabirito a partir da Serra de Capanema/MG. Foto: Rogério Tobias Junior

Colocamos, assim, a possibilidade de que a visibilidade inter-sítios e entre esses e porções específicas da paisagem seja um fator preponderante para a investigação dos sítios rupestres na área de estudo. A recorrência desses atributos sugere que tivessem relevância no rol de escolhas das populações pré-coloniais.

As distâncias a pé entre os sítios, acima dos 15 km em linha reta, poderiam ser vencidas num dia de caminhada. Nesses termos, esses lugares se colocam como locais de realização de atividades específicas relacionadas à produção rupestre, acampamentos ou abrigos rápidos às intempéries, ao longo de um sistema de movimento, deixando baixa densidade de vestígios. Faixas de cumeada, platôs e bordas de compartimentos serranos caracterizariam caminhos específicos, enquadrados em suas faixas de domínio visual. O posicionamento relativo dos sítios denota que cada um, dentro das possibilidades morfológicas da paisagem, permite a visualização de fragmentos adjacentes dela, proporcionando um conhecimento dinâmico a partir de fluxos de vista distribuídos ao longo de caminhos entre os vértices, caracterizados pelos sítios.

A amostra analisada sugere a maior mobilidade dos autores das figuras e o conhecimento abrangente da paisagem, consequência prática e performativa do próprio movimento. Isso pode explicar a baixa densidade de sítios rupestres na área de estudo e o fato de serem restritas as áreas de ocorrência de suportes rochosos favoráveis à realização/conservação de vestígios pintados, usualmente quartzitos. Seriam, enfim, focos específicos de ocupação relacionados a um sistema

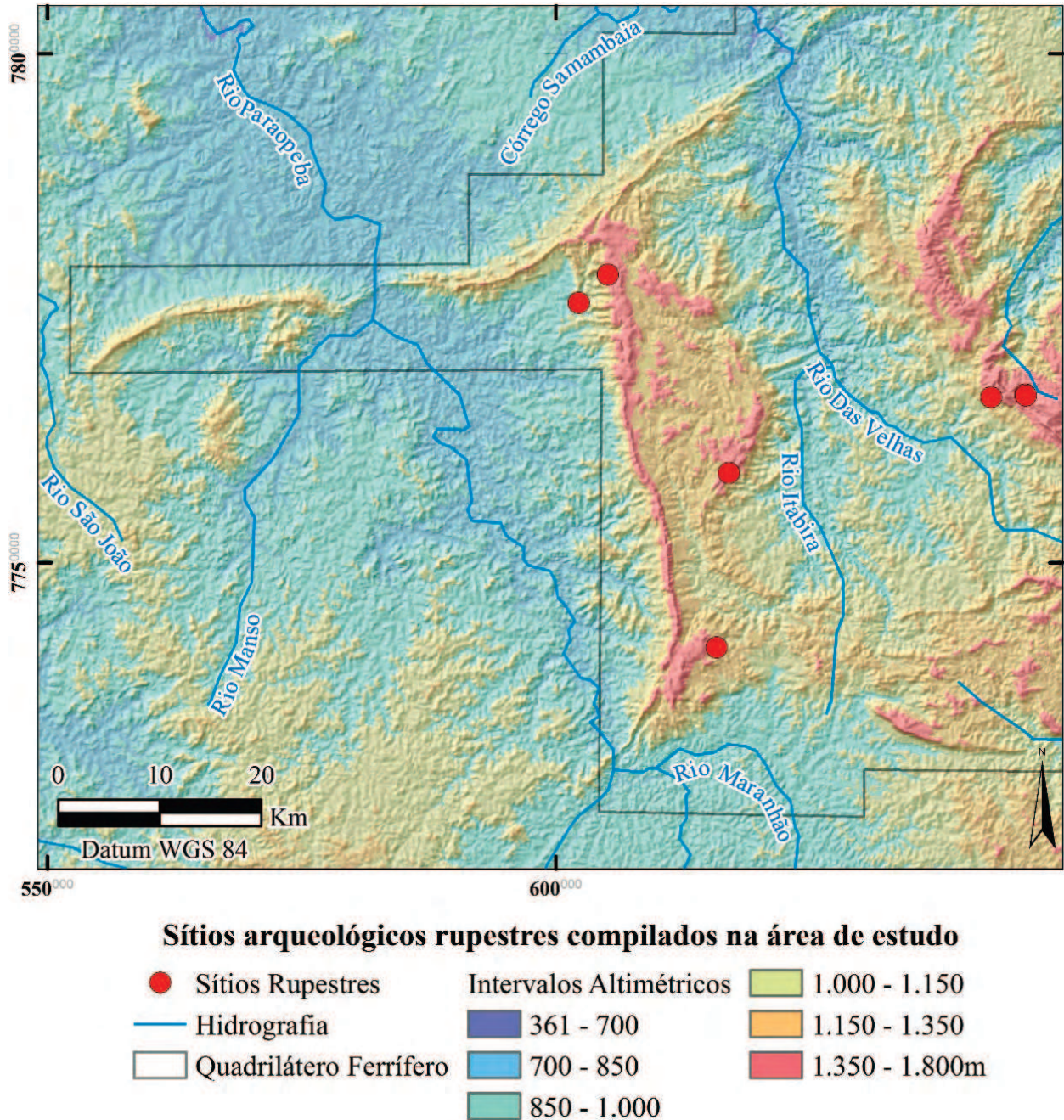


Figura 7 - Sítios rupestres compilados na área de estudo.

de movimento pré-colonial que se apropriou desses locais com visibilidade ampla para estruturar fluxos específicos na paisagem.

O cenário colocado discorre numa tendência à difusão das atividades que deixam menor densidade de vestígios arqueológicos. As características apontadas, no entanto, elucidam apenas parte dos problemas envolvidos no entendimento das formas de vivência e da percepção pretérita dessa paisagem. A seguir, trataremos especificamente de outras categorias de vestígio pré-colonial identificados na área de estudo, na busca da ampliação desse contexto.

Sítios cerâmicos, líticos e lito-cerâmicos na paisagem das serras

Durante as pesquisas relacionadas ao licenciamento ambiental da Mina Capão Xavier, no município de Nova Lima, já em 2003, pela primeira vez se registrou um sítio arqueológico pré-colonial em cavidade de minério de ferro em Minas Gerais, com material cerâmico e lítico (B.P. Arqueologia, 2004; 2006). Os licenciamentos de empreendimentos posteriores foram influenciados pelos achados nas Grutas Capão Xavier I e II, elevando o número de sítios arqueológicos com esses vestígios na área de estudo.

Baeta e Piló (2005) realizaram uma primeira síntese das pesquisas relacionadas aos licenciamentos ambientais, revertendo o anterior contexto de exclusividade de ocorrência de sítios rupestres. O registro de elementos cerâmicos e líticos evidenciou um repertório material que redirecionou os modelos de ocupação da região do Quadrilátero Ferrífero, considerando as atividades humanas em abrigos e cavidades.

Outros levantamentos permitiram a ampliação dessa amostra, com a caracterização de novos sítios arqueológicos pré-coloniais semelhantes. O material lítico lascado mais frequente é o quartzo hialino, translúcido e leitoso, que se apresenta por meio de lascas uni e bipolares, núcleos e instrumentos (Figura 8). Em menor proporção, ocorrem lascas e núcleos de hematita compacta, pré-formas de lâminas de machado e instrumentos brutos como batedores, quebra-cocos e bigornas (Figura 9).

A cerâmica (Figura 10 e 11) recorrentemente aponta para o uso de potes com capacidades volumétricas entre 3 a 5 litros aproximadamente, alisados, usualmente globulares, hemisféricos ou cônicos, roletados e/ou modelados, com marcas de uso, em particular, depósitos de fuligem evidenciando uso ao fogo. Em alguns sítios, como RM-23 (PE Serra do Rola Moça, Brumadinho/MG), ocorrem fragmentos cerâmicos de maior porte, com espessura de até 12 mm, que podem



Figura 8 - Núcleo (esquerda) e lasca unipolar (direita) de quartzo identificados na cavidade RM-22 (Serra do Rola Moça, Brumadinho/MG). Foto: Rogério Tobias Junior.



Figura 9 – Batedor/bigorna identificado na cavidade RM-13 (Serra do Rola Moça, Brumadinho/MG). – Foto: Rogério Tobias Junior



Figura 10 – Faces externa (esquerda) e interna (direita) de fragmento cerâmico identificado na cavidade RM-01 (Serra do Rola Moça, Brumadinho/MG), com marcas de uso (Lume, 2014b).



Figura 11 - Fragmento cerâmico da cavidade RM-22 (Serra do Rola Moça, Brumadinho/MG). Foto: Rogério Tobias Junior.

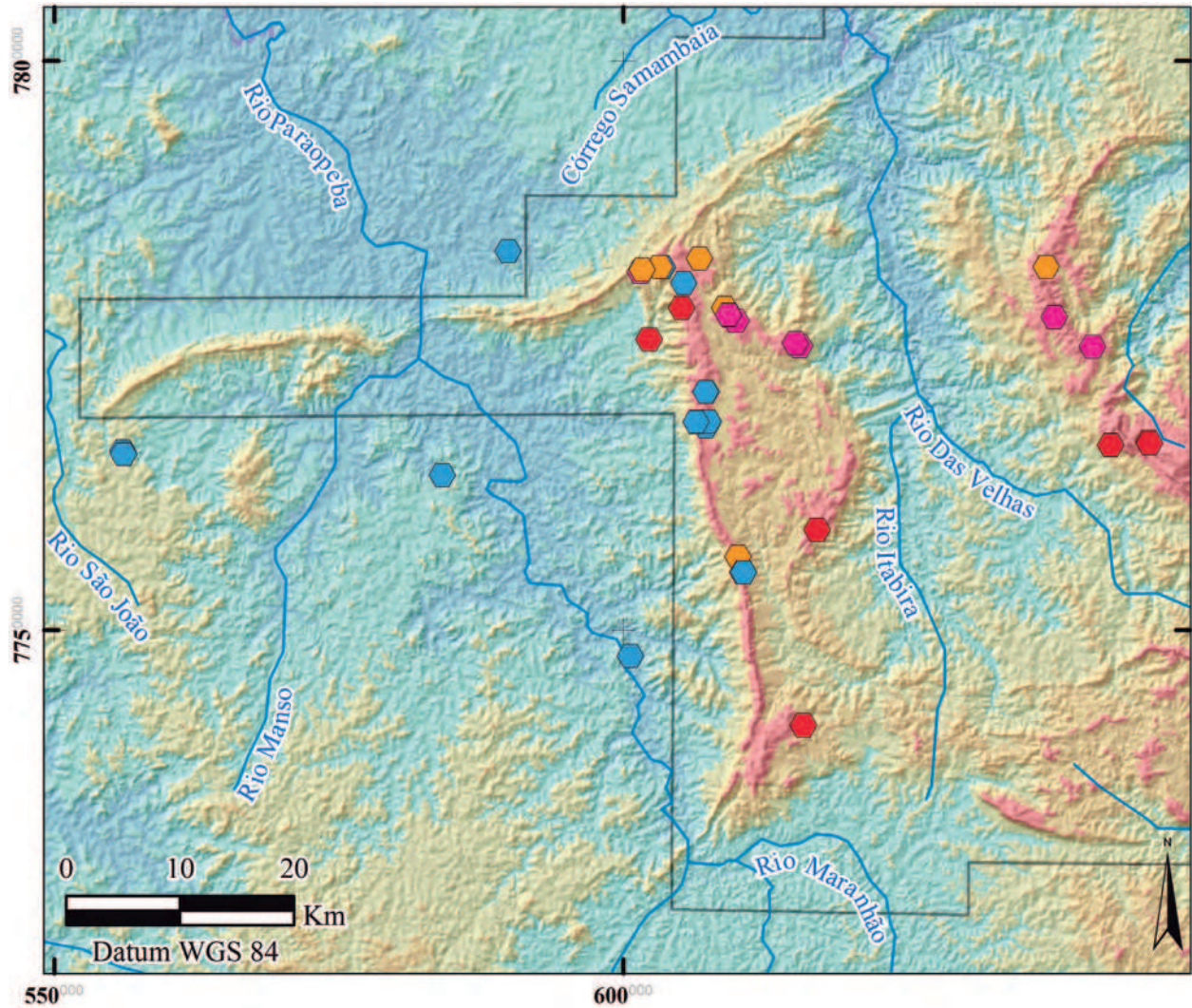
testemunhar a utilização de potes com dimensões mais avantajadas (Lume, 2014b). A maior parte desse material pré-colonial é encontrado em pequena densidade superficial, sendo notável a sua ocorrência subsuperficial.

As escavações relacionadas a resgates arqueológicos, usualmente integrais ou de extensa abrangência, obtiveram, além de contextos em estratigrafia, elementos para datações radiocarbônicas. As datas obtidas nos resgates dos sítios Gruta Capão Xavier I e II, Capitão do Mato e Várzea do Lopes, inseriram esses vestígios num horizonte cronológico mais preciso.

B.P. Arqueologia (2006) sugere que as Grutas Capão Xavier I e II podem ter sido ocupadas em três momentos distintos, separados cronológica e estratigraficamente, havendo registros de presença humana intermitente desde pelo menos cerca de 1.540 AP até cerca de 180 AP.

Os dados dos sítios Capitão do Mato (Serra de Itabirito, Nova Lima/MG) e Várzea do Lopes (Serra da Moeda, Itabirito/MG) ampliaram o conhecimento e dispersão dos horizontes propostos pelos autores. Os momentos de ocupação registrados nesses sítios, obtidos através das informações constantes na documentação relativa aos seus resgates, podem ser assim sintetizados, partindo das interpretações iniciais feitas por B.P. Arqueologia (2006):

- No momento mais antigo, carvões datados das grutas Capão Xavier I e II indicam um intervalo de ocupação entre 1.540 e 1.250 AP, com datas por volta de 1.380 AP, obtidas



Sítios arqueológicos pré-coloniais por tipo de vestígio na área de estudo

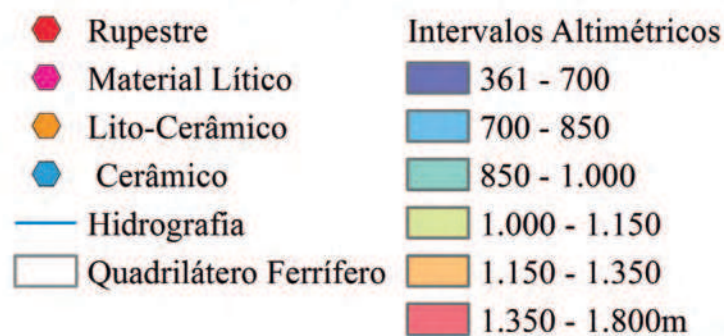


Figura 12 - Sítios pré-coloniais por tipo de vestígio na área de estudo.

por termoluminescência a partir de fragmentos cerâmicos. A esse intervalo corresponderia parte da cerâmica das amostras dessas pesquisas, assim como as peças líticas bifaciais, notadamente uma ponta e uma pré-forma, de quartzo;

- O momento intermediário se distribui entre 1.060 AP e 390 AP, e contempla cerca de 650 anos com ocupações pré-coloniais até o contato. Nele ocorre a maior quantidade e densidade registrada de vestígios arqueológicos nos abrigos, tanto no interior quanto nas entradas e áreas externas. Há cerâmica com morfologia globular ou cônica, de pequeno e médio porte, associadas a lítico lascado (principalmente quartzo) e polido;
- O momento mais recente registrado se enquadra entre 280 AP e o presente, abrangendo o período pós-contato. Conta com cerâmicas feitas em torno, atribuídas à produção histórica 'neobrasileira', louças (faianças finas, faianças e porcelana, com e sem decoração), vestígios de metal, entre outros (Sete, 2010).

Os três intervalos principais de ocupação evidenciados pelos resgates desses sítios revelam que populações ceramistas ocuparam os abrigos da região de maneira intermitente, pelo menos entre 1.500 AP e 390AP. A intermitência se embasa na baixa densidade de material arqueológico.

Ao longo de cerca de 1.200 anos, os grupos portadores dessa cerâmica realizaram atividades de maior dispersão, que implicavam na predominância do movimento de poucas pessoas por uma vasta área, aproveitando-se da situação desses abrigos ao longo de seu cotidiano para armazenar sua cerâmica, proteger-se das intempéries, tratar a caça e o material coletado, entre outros. Baeta e Piló (2005) sugerem que as atividades realizadas enfocavam o aproveitamento de recursos específicos das áreas ferruginosas, como a flora e matérias-primas, em incursões menos duradouras.

Outros 15 sítios pré-coloniais em cavidades contêm vestígios cerâmicos provavelmente relacionados aos mencionados grupos ceramistas em razão da semelhança técnica e morfológica dos vasilhames. Alguns apresentam material lascado em quartzo e hematita como os descritos.

O contexto arqueológico pré-colonial na área de estudo relata pequena ocorrência de sítios a céu aberto. Isto pode se dar em função de pesquisas no âmbito preventivo, com enfoque para áreas alvo de mineração, bem como uma priorização de áreas abrigadas para estudos acadêmicos, visto que esses locais apresentam maiores possibilidades de encontrar vestígios bem preservados. Em todo caso, os sítios líticos a céu aberto são usualmente descritos como ocorrências nas fontes citadas, e há somente 5 sítios cerâmicos com essa exposição registrados. Todos se encontram nas cotas mais baixas na área de estudo, em locais de relevo ondulado e suave, e apresentam vestígios cerâmicos semelhantes a alguns encontrados nas cavernas.

Estima-se que as faixas serranas da área de estudo se inseriam em territórios pré-coloniais de maior abrangência e neles integravam zonas relevantes para a obtenção de recursos e execução de práticas particulares. Nessas áreas foram realizadas atividades diversas, para algumas das quais seria necessário o uso das áreas das cavidades, seja para pernoite, refúgio, preparação e retoque de instrumentos, armazenamento de potes, líquidos e alimentos, caçados e coletados. As predominantes dimensões pequenas dos vasilhames cerâmicos sugerem, por suas condições de portabilidade, que o uso destes artefatos podia estar ligado à movimentação constante dos grupos indígenas, assim como a uma utilização efêmera, ainda que recorrente, das cavidades.

A distribuição dos sítios cerâmicos, líticos e lito-cerâmicos ilustra a existência dos pontos de convergência das atividades realizadas em algumas áreas ferruginosas. Encontram-se difusos nas cavidades e abrigos nas serras em foco, sendo recorrente a baixa densidade relativa de vestígios e a abundância de locais ocupados.

A sua inserção predominante, em áreas ferruginosas das terras altas, permite que tenham visibilidade abrangente, ainda que mais limitada que os citados abrigos rupestres (Figura 13).



Figura 13 – Vista do Pico do Itabirito (ao fundo e à esquerda) a partir da rodovia BR-040. Foto: Rogério Tobias Jr.

É possível visualizar feições marcantes na paisagem, incluindo aquelas no entorno de parte dos sítios pintados. A partir desses últimos, notadamente do Abrigo do Pico, os sítios cerâmicos e líticos e entorno são visíveis, inserindo-os num horizonte integrado parcialmente, ainda que de forma diacrônica, ao sistema de movimento associado aos primeiros.

Sua dispersão pela paisagem da área de estudo, ao longo de cerca de 1.200 anos, coloca-os em situação cronológica próxima à dos sítios rupestres, se considerarmos as datas relativas mais recentes atribuídas à Tradição Planalto, os últimos 2.000 anos. A produção rupestre em seus momentos mais recentes pode ter-se desenrolado em concomitância com as demais atividades, relacionadas aos vestígios líticos e cerâmicos descritos.

O movimento pré-colonial na área de estudo, contando com atividades difusas e descentralizadas, depende, para ser melhor compreendido, da identificação de novos sítios a céu aberto e também sob abrigo. Esperamos que os sítios a céu aberto, quando estudados, forneçam dados complementares a respeito desse sistema de movimento e ocupação e favoreçam uma investigação mais estreita das ocupações do Quadrilátero Ferrífero e suas formas específicas de expressão, seja por meio de seus vestígios materiais ou por sua participação na paisagem.

A contribuição das ocupações históricas à paisagem regional

Em artigo sobre o Caminho Velho, Guimarães (2009) procurou colocar em evidência o Vale do Paraopeba como rota de trânsito, por onde era possível acessar as comarcas de Vila Rica e do Sabará. Ele afirma que “*a partir do Vale do Paraopeba, estava-se tão perto de Sabará quanto de Vila Rica*” (2009: 5).

Naquela época, quando os caminhos ainda não estavam claramente demarcados, era imprescindível o reconhecimento de marcos na paisagem para a transposição de grandes distâncias. O autor destaca que “*tanto o Pico do Itabirito, quanto o Itatiaiuçu ou Pico da Serra da Piedade podem ser incluídos na lista de tais marcos*” (2009: 5). Para o autor, particularmente o Pico do Itatiaiuçu poderia ser utilizado como tal no trânsito pelo Vale do Paraopeba, uma vez que ele se destaca na silhueta da Serra Negra.

A rota realizada pela bandeira de Fernão Dias, em 1674, passando pelo Vale do Paraopeba no entorno da Serra Negra, põe em destaque essa região. Com a abertura do Caminho Novo, essa rota – que pertencia ao Caminho Velho – entra em desuso. Na historiografia mineira, ela sempre esteve relativamente ofuscada pela opulência histórica das Comarcas de Vila Rica, Sabará e Diamantina. Contudo, a presença daqueles bandeirantes na região, desde fins do século XVII, a coloca num ponto central para a história das Minas Gerais.

Os dados arqueológicos compilados parecem corroborar com grande parte dos relatos historiográficos acerca da ocupação histórica (pós-contato) nas Minas Gerais – e mais especificamente do entorno das Serras Negra, do Paraopeba e do Cachimbo.

A área enfocada engloba uma região cujo processo de ocupação histórico apresentou características mais rurais, se comparadas ao entorno imediato da antiga Vila Rica. Ainda que a região no entorno das serras em foco apresentasse alguns arraiais, nenhum deles tinha contornos de grande centro urbano, como era o caso de Vila Rica, Sabará ou Caeté. Desse modo, o que se observa é uma ocupação mais extensiva desse território, menos concentrada, porém com unidades bastante complexas em termos das estruturas que as compõem.

A análise dos dados levantados, considerando ainda o esquema distributivo dos diferentes tipos de sítio no mapa, nos sugere que a fronteira entre mineração e agricultura, no contexto ocupacional das minas, foi extremamente fluida (Figura 14).

Os sítios de mineração predominam, nos dados levantados, na vertente leste da Serra do Paraopeba – particularmente entre essa e a Serra do Itabirito – e no encontro da Serra do Cachimbo com a Serra Negra. Além disso, em termos de sua inserção no relevo, os dados indicam a predominância dos vestígios de mineração no topo e porções superiores das vertentes.

Um exemplo emblemático de sítio de mineração na área de estudo é o *Forte de Brumadinho*. Guimarães e outros autores (2002, 2003) demonstraram que as ruínas do forte estavam associadas a um grande complexo minerador. A fortificação construída em alvenaria de pedras de cantaria se destaca na paisagem por sua implantação no terço superior de um morro. Possui apenas uma passagem de entrada e em seu interior há uma edificação menor, também construída em pedra. Pelo seu porte e localização, é provável que se tratasse da sede administrativa de uma empresa de mineração. O sítio também contempla vestígios de talho a céu aberto e outras estruturas, como

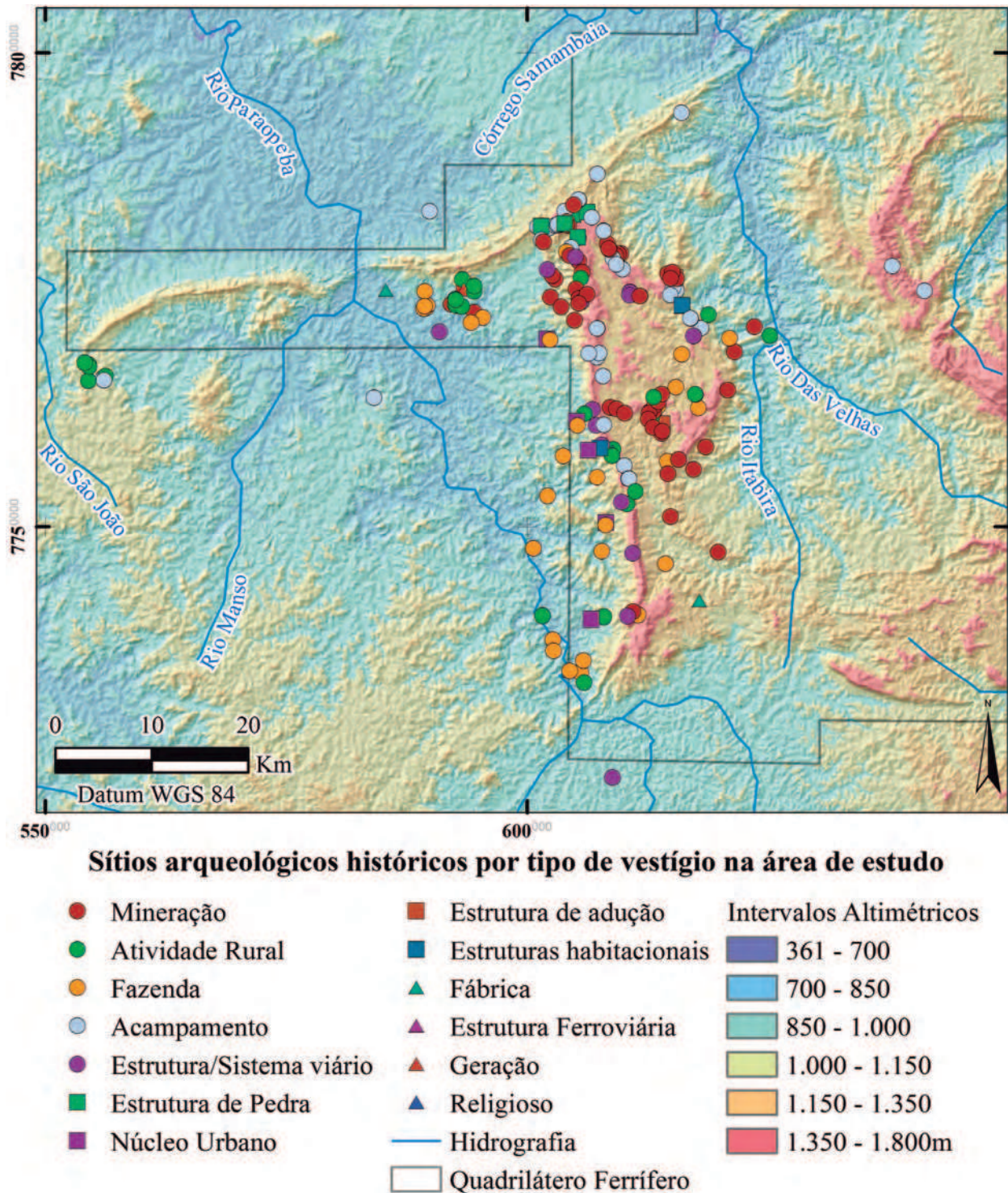


Figura 14 - Sítios arqueológicos históricos por tipo de vestígio listados na área de estudo.

canais, tanques e mundéus, associadas ao desmonte de morros e lavagem da lama. Complementam esse complexo diversas estruturas edificadas que serviam de habitação para os mineiros. Tratava-se de uma grande empresa de mineração, que vai encontrar ressonância apenas em sítios como o complexo de *Aredes* (Figuras 15, 16, 17 e 18) e da *Cata Branca* (Itabirito/MG) e outros no entorno de Ouro Preto.



Figura 15 - Edificação componente do Complexo de Aredes (Itabirito/MG). Foto: Rogério Tobias Junior.



Figura 16 - Janela remanescente de edificação em ruínas do Complexo de Aredes (Itabirito/MG). Foto: Rogério Tobias Junior.



Figura 17 - Galeria sob estrutura de adução para transposição de drenagem componente do Complexo de Aredes (Itabirito/MG). Foto: Rogério Tobias Junior.



Figura 18 - Vista parcial do complexo de Aredes. Ruínas à esquerda e cata de mineração à direita. Foto: Rogério Tobias Junior.

Vale a pena ressaltar que sítios como o Forte e Aredes apresentam estruturas e vestígios que se estendem desde as porções superiores da vertente até as inferiores, contando com elementos associados à lavagem da lama aurífera localizados nas porções inferiores, como os mundéus e canoas.

Os sítios de Fazenda ocorrem principalmente na média e baixa vertente, mais concentrados na porção oeste da Serra do Paraopeba, nas terras baixas, onde o relevo é suave a ondulado. Alguns exemplos desse tipo de sítio são a Fazenda Contendas e a dos Azevedo, em Moeda; a Fazenda do Barão e as Ruínas da Chacrinha dos Pretos, em Belo Vale (Brandt, 2008). No que diz respeito a outros sítios de contexto agropastoril, como os que indicam atividades rurais, não foi possível identificar recorrências por meio da amostra construída. Esses estão distribuídos de maneira homogênea na área de estudo e em diferentes porções da paisagem.

Destaca-se que as Fazendas comumente contemplam uma diversidade de estruturas, associadas ao beneficiamento de grãos e outros produtos que faziam parte de sua produção agrícola. Em geral, é possível encontrar sistemas hidráulicos complexos associados a engenhos e moinhos, cujo aproveitamento ainda incluía a abastecimento de água para a sede e outras edificações.

Destaca-se nesse contexto a *Fazenda Fortificada da Lagoa Velha* (Serra da Moeda – Ouro Preto/MG). São ruínas de uma fortificação em cujo interior há vestígios de edificações, e que se encontram às margens de uma estrada carroçável na Serra dos Mascates, já em terras altas.

Ainda que em densidades variadas, em razão de uma distinta organização das atividades na paisagem, as fazendas podem ser encontradas em praticamente toda a área contemplada nessa análise, inclusive nas áreas entre a Serra de Itabirito e Paraopeba, como a Casa de Pedra de Sapecado e Ruínas do Congonhas I. Além disso, os núcleos mineradores de grande porte contavam com pequenos arraiais para moradia dos mineiros, nos quais não era incomum haver comércio estabelecido e algum cultivo, ainda que incipiente.

A natureza multifacetada de alguns tipos de sítio já foi relatada na bibliografia arqueológica. Por exemplo, o sítio Capão do Lana, fora da área de estudo, conhecido como uma estalagem que teria funcionado às margens do *Caminho Novo*. Além da estalagem, o proprietário possuía uma lavra de topázio imperial (ainda ativa) e uma fazenda de víveres, cujos produtos eram destinados a centros urbanos (Pohl, 1976). O Capão do Lana, nesse sentido, nos fornece um exemplo do quão diversificadas poderiam ser essas unidades.

Os sítios de estruturas viárias ocorrem de forma predominante nos topos e altas vertentes das serras. São vestígios de estradas cavaleiras, tropeiras e carroçáveis, em grande parte apresentando calçamento de pedra. A sua ocorrência poderia ser uma referência à escolha por caminhos que utilizem predominantemente os topos das serras ou a um viés amostral. As instalações e sua inserção, por outro lado, sugerem tratar-se de soluções técnicas nos percursos para facilitar a transposição de trechos instáveis e acidentados.

Sítios desse tipo frequentemente estão associados a Fazendas e/ou Núcleos Mineradores. É o caso da *Estrada Cavaleira da Serra da Calçada*, cujos vestígios levam ao sítio *Núcleo de Mineração Tutameia II*. Essa estrada poderia fazer parte de uma malha viária que interligava diversas comunidades e fazendas da região (Brandt, 2008: 211).

O isolamento de parte do Vale do Paraopeba propiciou, por outro lado, a instalação de um empreendimento voltado à sonegação de impostos pagos à Coroa (Guimarães, 2007), conhecido



Figura 19 - Vista interna parcial do sítio Casa de Pedra de Sapecado. Fonte: Lume, 2015.

como a Casa de Moedas Falsas. A relevância desse sítio para a história regional é inegável e está impressa na paisagem. Até a década de 1730, a serra hoje conhecida como Moeda era então denominada Serra do Paraopeba. Apenas a partir da descoberta das atividades ilícitas na Serra do Paraopeba é que ela passou a ser identificada como Serra da Moeda, assim como nomes de um distrito e do próprio município onde se insere. Tal toponímia marca um momento de significação específica da paisagem atrelada ao imaginário em torno do empreendimento.

As ocupações históricas nas áreas de abrigos e cavidades reitera o uso desses locais para atividades esporádicas e temporárias. A presença em baixa densidade de fragmentos de louças, notadamente pratos, pires e xícaras, assim como de vidros e cerâmicas, coloca em destaque sua relevância como pontos de apoio a deslocamentos e abrigos temporários contra as intempéries, assim como para acampamentos. Sua localização predominante em áreas serranas os coloca em situação semelhante aos daqueles com vestígios pré-coloniais, com os quais dividem espaços em alguns casos. Por outro lado, nota-se uma preferência por locais mais iluminados, com entradas maiores e maior circulação de ar. Sua disposição próxima a lugares onde outras atividades eram realizadas, assim como de caminhos e vias de deslocamento, evidencia sua articulação às demais atividades e não devem ser analisados somente em seus aspectos locais. A exploração dessa articulação ainda é escassa na bibliografia arqueológica, que frequentemente trata esses locais de maneira isolada, o que diminui sua participação no sistema de ocupações e movimento pretéritos.



Figura 20 - Pico do Itabirito visto a partir da janela frontal da Casa de Pedra de Sapecado. Fonte: Lume, 2015.



Figura 21 - Aspecto parcial dos currais componentes do sítio Casa de Pedra de Sapecado. Fonte: Lume, 2015.

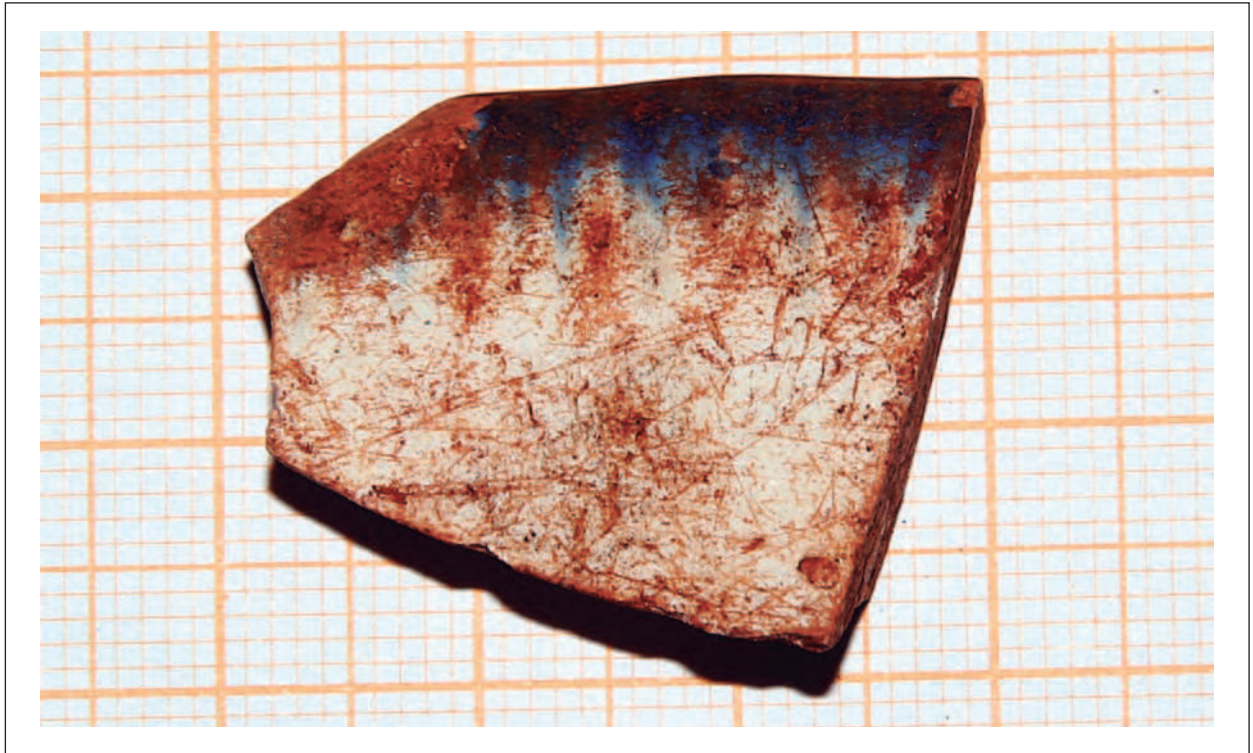


Figura 22 - Fragmento de borda de prato de faiança fina com decoração Shell edged na cavidade RM-08 (Serra do Rola Moça, Brumadinho/MG). Fonte: Lume, 2014b.



Figura 23 - Pote cerâmico com decoração plástica identificado no Abrigo Retiro das Pedras II (Serra da Calçada, Brumadinho/MG). Fonte: Lume, 2014b.

A área de estudo numa perspectiva sincrônica e diacrônica: caminhos e longa duração

Um olhar sincrônico à distribuição das atividades humanas pretéritas na área de estudo revela a ampla concentração de sítios arqueológicos nas terras altas, nas Serras do Paraopeba e de Itabirito, com menor densidade deles nas áreas entre essas e a Serra Negra. Desde sítios pré-coloniais em abrigos e cavernas até grandes complexos de mineração históricos denotam uma recorrência diacrônica de ocupação de alguns locais, mediante a amostra analisada. A Figura 24 traz a distribuição de todos os sítios levantados nas fontes pesquisadas.

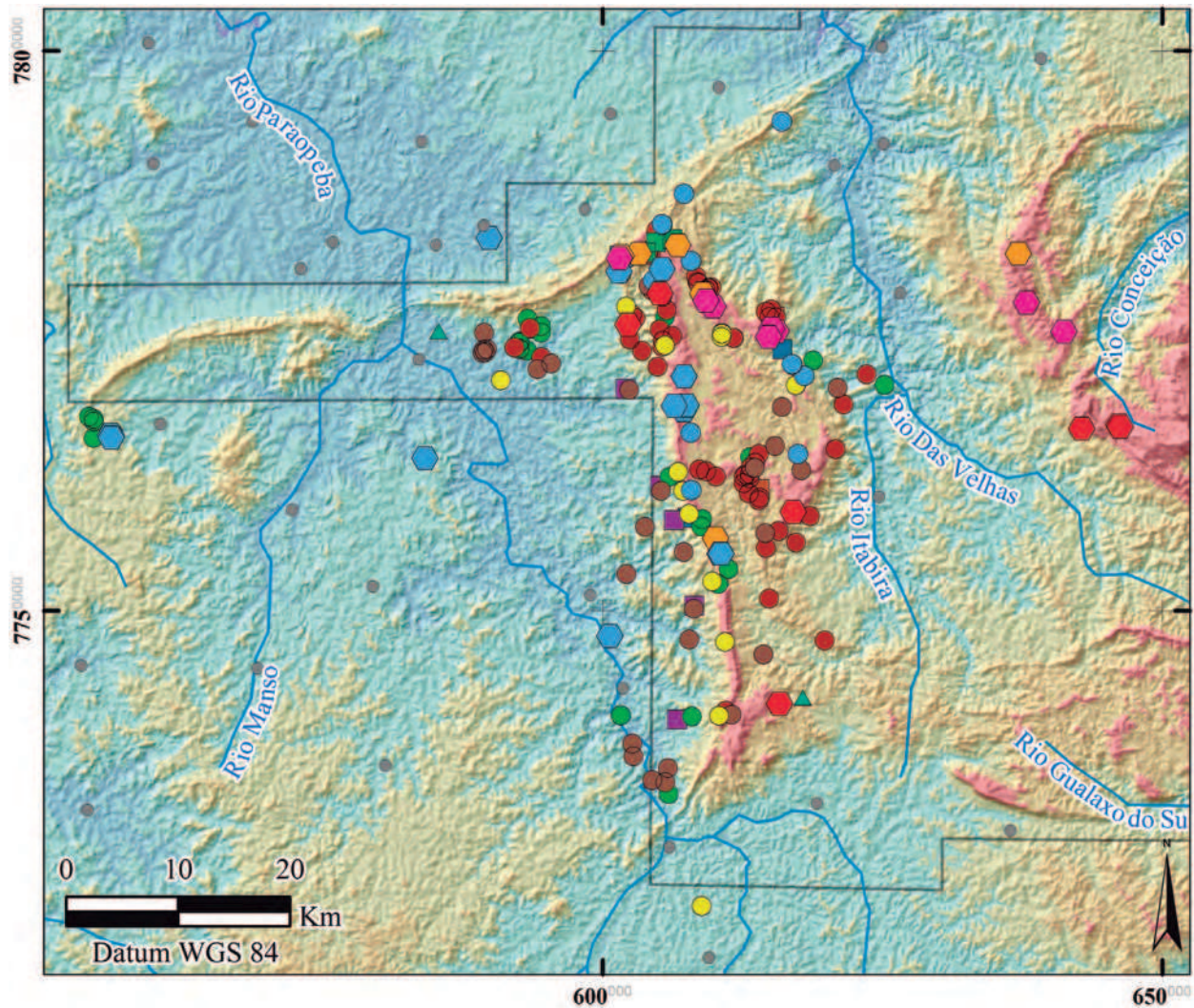
Os sítios arqueológicos listados indicam esquemas de distribuição de atividades que, apesar de se basearem em motivações distintas, apresentam recorrências e tendências comuns. Sua inserção principalmente em terras altas sugere a relevância dessas áreas ao longo de todo o período de ocupação da região. Por outro lado, demonstram também a maior ênfase das pesquisas consultadas nas áreas serranas, como já dito.

Ainda que tenhamos distintas atividades sendo realizadas, deve-se ressaltar a permanência de determinados aspectos relativos às ocupações humanas, que sugerem a manutenção de algumas escolhas ao longo do tempo, enquanto novas atividades foram sendo introduzidas na paisagem.

A inserção dos sítios rupestres em áreas mais elevadas, recorrentemente próximos a feições paisagísticas proeminentes, e sua distribuição denotam um momento inicial de vivência e percepção da paisagem fundamentado no conhecimento abrangente do território por meio de vistas distribuídas ao longo das amplas faixas de terreno que os interligam. Este enquadraria uma visão geral da área estudada, na qual se difundiram as atividades, com significados atrelados àquelas feições e lugares. Esses sítios e feições operaram como influxos ao longo de caminhos, por meio dos quais se pode regenerar o fluxo da estrutura perspectiva da paisagem experimentada pelos seus grupos autores. Demonstram, assim, conhecimento de uma escala específica dela, que gira em torno de seu universo de atividades, denominado ‘maestria prática’ (Gibson, 1986; Ingold, 2000).

A intervisibilidade proporcionada pelo posicionamento dos sítios e feições se estende por faixas do terreno que podem ser observadas a partir de percursos distintos e que sugerem, por sua disposição, que se tratariam de seções de interesse às ocupações pré-coloniais, inseridas no âmbito do domínio visual proporcionado pelos caminhos.

Os sítios cerâmicos e líticos conhecidos nas terras altas estão, em boa parte, no campo visual dos sítios rupestres ou dos caminhos que os interligam. Tal situação e sua cronologia os situam num intervalo entre a realização da arte rupestre e as ocupações históricas recentes. São marcados pela ocorrência de vestígios em baixa densidade e poucos lugares com maior concentração. Comparativamente aos sítios semelhantes conhecidos em outras regiões, como em Lagoa Santa, foram ocupados com menor frequência. Integram assim, um conjunto de atividades dispersas nas serras, relacionadas a outros locais, nas terras baixas, onde se encontram vestígios de assentamentos com maior densidade de material que sugerem maior estabilidade.



Sítios arqueológicos por tipo de vestígio na área de estudo

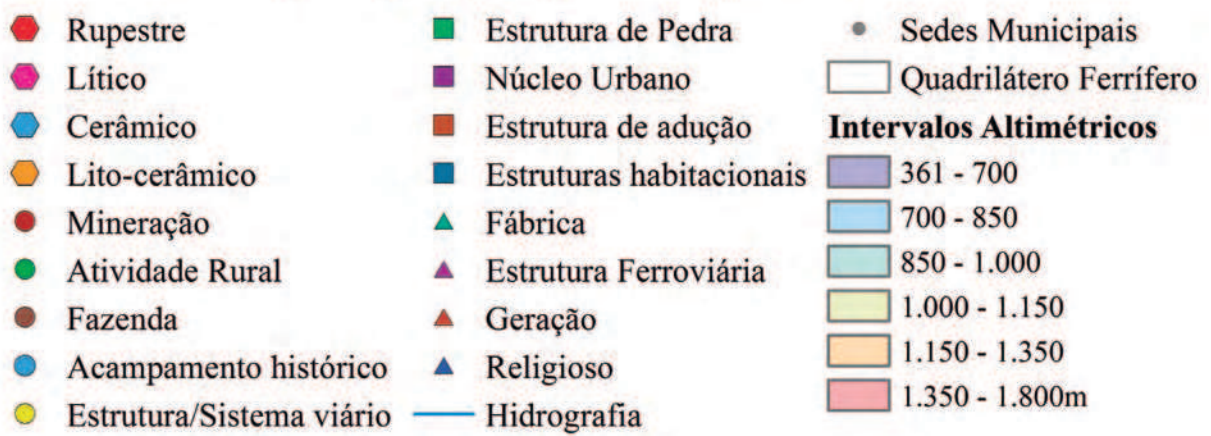


Figura 24 - Sítios arqueológicos conforme o tipo de vestígio, listados na área de estudo.

Tal organização converge com os relatos históricos do período do contato, que afirmam que na área de estudo haveriam pequenos grupos de indígenas circulando em razão de movimentos sazonais de agrupamento populacional e dispersão de bandos familiares menores. Está inserida num contexto de ampla dispersão territorial das atividades, e não exclusivamente se apropriando da área de estudo para a obtenção de recursos específicos, senão como parte de um movimento de habitação sazonal fundamentado na distribuição dos bandos e atividades na paisagem.

Essas correntes de movimento parecem estar relacionadas diretamente às situações de domínio visual e maestria prática desenvolvidas pelos autores dos grafismos rupestres, distribuindo-se de maneira incisiva na área de estudo. Sugerimos, assim, que os sítios rupestres e os demais pré-coloniais estão relacionados em suas formas de apropriação da paisagem, denotando manifestações de atividades distintas. Tais observações sugerem que a apropriação da paisagem no período pré-colonial regional atravessou um momento de conhecimento abrangente das feições paisagísticas, acompanhado de uma consequente organização das atividades na paisagem segundo os fluxos de vista proporcionados pelos caminhos entre feições e sítios.

Os relatos históricos destacam que a ocupação da área de estudo no período colonial ter-se-ia apropriado do conhecimento indígena acerca dos caminhos para se orientar e distribuir a população pela paisagem. Assim, os sítios históricos ter-se-iam estabelecido em função dos caminhos e de seu detalhamento, providos pela dinâmica de movimento pré-colonial.

Pelo menos num momento inicial, teríamos uma manutenção, ainda que com aspecto formal distinto, de faixas de território ocupadas em função dos processos de significação estabelecidos desde tempos imemoriais na área de estudo. Os sítios de mineração da amostra enfocam as terras altas, provavelmente, em razão da existência de jazidas primárias, mas tal constatação dependeu também de um conhecimento anterior da paisagem, estabelecido pelos grupos indígenas. Sítios rurais e agropastoris, por sua vez, inseriram-se de maneira oposta aos sítios de mineração, em situação semelhante aos sítios pré-coloniais a céu aberto, indicando que as áreas intermediárias e inferiores teriam sido foco da horticultura indígena e, posteriormente, da agricultura e criação de animais para abastecimento das áreas das minas, conforme relata a bibliografia. Uma rede de estruturas viárias que conectam esses lugares destaca a prevalência de determinados eixos de movimento na paisagem, que estão vinculados diretamente à forma prévia como essas atividades se distribuíram e organizaram ao longo do tempo.

O estabelecimento de ocupações históricas ao longo de caminhos pré-coloniais compreende um processo cumulativo de conhecimento sobre a paisagem regional que vai desde uma visão abrangente, proporcionada por ampla distribuição de atividades que envolvem dinâmica e menor fixação aos vértices, ao estabelecimento de lugares e atividades que implicam uma maior fixação e, assim, um domínio paisagístico de caráter menos abrangente, porém mais específico e direcionado a uma ou outra atividade, conforme o interesse dos agentes.

As ocupações humanas na área de estudo assim se desenrolaram de maneira interdependente, com envolvimento visual direto relacionado às formas pré-coloniais de percepção da paisagem regional, e que teriam influenciado na organização histórica das atividades.

A matriz de movimento composta pelos sítios e paisagem da área de estudo consiste, pois, na manutenção diacrônica de eixos principais de fluxos de vista, da estrutura perspectiva, desde o período pré-colonial ao presente, resultando na permanência das formas de distribuição das atividades em função dos caminhos.

Entendemos que os processos de orientação, performance e estabelecimento na área de estudo dependeram fundamentalmente de uma percepção pré-colonial da paisagem, que atuou na organização das atividades humanas subsequentes, sendo mantidos os eixos de movimentação, ainda que as atividades históricas tenham diversificado e aprofundado o conhecimento paisagístico.

Tal permanência é tratada, então, como um aspecto de Longa Duração (Braudel, 1983), que perdura por pelo menos dois milênios, podendo ser ainda mais antiga, em razão das datas apontadas. Temos uma distribuição de atividades na paisagem que reforça parte das estratégias de apropriação pré-coloniais, adotadas também no período histórico, que denota a introdução de outros significados que são baseados num repertório performativo e em atividades distintas, mas que mantêm a estrutura da perspectiva pré-colonial ao longo das áreas dominadas visualmente pelos sítios nas terras altas.

Considerações finais

Buscamos avançar na discussão acerca da organização paisagística e dos sítios arqueológicos nas áreas das Serras do Paraopeba, Itabira e Negra, considerando o processo de estabelecimento diacrônico de matrizes de movimento. A maior parte dos sítios da amostra se encontra dentro do campo visual abrangente proporcionado pela situação dos sítios rupestres em terras altas. Os demais sítios pré-coloniais se inserem ao longo de fluxos de vista proporcionados pelo movimento entre esses sítios, sugerindo um possível controle visual das áreas de atividades, que teria favorecido o estabelecimento de fluxos de movimento específico.

O período colonial é marcado, na área de estudo, pela manutenção de parte dessa estrutura, por meio do estabelecimento de atividades ao longo das faixas de movimentação pré-colonial. É marcante a ruptura nas formas de apropriação da paisagem proporcionada pela introdução de atividades de maior fixação, em razão da mineração ou agropecuária. Porém, os fluxos anteriores influenciaram as ocupações subsequentes, organizando atividades a partir dos caminhos predominantes no período pré-colonial, sugerindo o reaproveitamento e manutenção desses caminhos utilizados pelos grupos indígenas.

No cenário de Longa Duração apresentado, apesar de se observarem mudanças fundamentais em determinadas formas de percepção e apropriação do ambiente, existe um fio condutor dessas formas na paisagem regional, que parece estar intimamente ligado à distribuição das atividades pré-coloniais na área de estudo. As ocupações posteriores não somente teriam mantido caminhos propriamente ditos, como também, ter-se-iam estruturado em função deles. A morfologia física regional obviamente contribuiu para tal, mas é na sua articulação na paisagem

que residem as principais chaves para o fluxo perceptivo no passado, operando conjuntamente na recuperação e inscrição de significados e ritmos específicos ao longo do tempo.

Os caminhos seriam, então, um denominador comum dessas ocupações e vetores fundamentais das ocupações humanas no Quadrilátero Ferrífero. A amostra levantada nesse estudo, no entanto, demonstra-se enviesada e insuficiente para permitir maior detalhamento dos distintos processos e fluxos de vista apreensíveis na área de estudo.

Notamos, enfim, a possibilidade de que novos achados arqueológicos e pesquisas sistemáticas permitam o aprofundamento do conhecimento acerca das distintas performances envolvidas nas atividades humanas na região e o melhor detalhamento das relações organizativas dessas ao longo do tempo, na perspectiva da Longa Duração. Pesquisas futuras poderão investigar, de maneira específica, os sítios arqueológicos pré-coloniais a céu aberto e também a ocorrência de vestígios antrópicos fora das terras altas.

Os esquemas de movimento estabelecidos na área de estudo remetem ao fato de que a própria localização e mapeamento individual da paisagem dependem da apropriação dos significados inscritos e da regeneração de seu fluxo de perspectiva na construção de uma visão ampla da região. Os elementos perceptivos e performativos pré-coloniais, relacionados a esses esquemas, atuaram nas ocupações subsequentes e repercutem até o presente na nossa própria forma de entender e organizar essa paisagem.

Referências Bibliográficas

- Abreu, J.C. 1907. *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- Abreu, J.C. 1979. *Caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Itatiaia.
- Almeida, A.Q. 2007. *Arquitetura e Poder. Um olhar sobre a "Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Anastasia, C.M. 2005. *A Geografia do Crime: violência nas Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Anschuetz, K.; Wilshusen, R. & Schieck, C. 2001. Una arqueología de los paisajes: perspectivas y tendencias. *Journal of Archaeological Research*, 152-197.
- Antonil, A.J. 1982. *Cultura e opulência do Brasil* 3ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp.
- Auler, A.; Ferreira, R.; Baeta, A. & Piló, H. 2005. *Estudos espeleológicos na área da mina de minério de ferro Capão Xavier - MBR, Nova Lima, MG*. Belo Horizonte: MBR Editora / PRCZ Consultores Associados.
- B.P. Arqueologia . 2004. *Relatório de Diagnóstico Arqueológico das áreas de influência da Mina de Capão Xavier*. Belo Horizonte: Vale MBR.
- B.P. Arqueologia. 2006. *Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico da Mina Capão Xavier – Município de Nova Lima/MG*. Belo Horizonte: Vale S.A.

- Baeta, A., & Piló, H. 2005. Arqueologia do Quadrilátero Ferrífero. Aspectos preliminares sobre sua ocupação. Estudo do caso de Capão Xavier. *O Carste*, 17: 116-131.
- Beneš, J., & Zvelebil, M. 1999. A historical interactive landscape in the heart of Europe: the case of Bohemia. In: Ucko, P. *The Archaeology and Anthropology of Landscape*. London: Routledge. p. 74-94.
- BRANDT Meio Ambiente. 2008. *Patrimônio Natural - Cultural e Zoneamento Ecológico-Econômico da Serra Da Moeda: uma Contribuição para sua Conservação*. Belo Horizonte: Fiemg/Sindiextra.
- Braudel, F. 1983. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico no tempo de Felipe II*. São Paulo: Martins Fontes.
- Carrara, A. A. 2001. Ocupação territorial e estrutura fundiária: as minas e os currais (1674-1850). *Estudos de História*, 8(2).
- Carrara, A.A. 2007. Antes das Minas Gerais: conquista e ocupação dos sertões mineiros. *Varia História*, 23(38): 574-596.
- Cobb, C.R. 1991. Social Reproduction and the Longue Durée in the Prehistory of the Midcontinental United States. In: Preucel, R.W. *Processual and Postprocessual Archaeologies: multiple ways of knowing the past* Carbondale: Center for Archaeological Investigations. p. 168-181.
- Cosgrove, J.W. & Daniels, S. 1988. *The iconography of landscape*. Cambridge: Cambridge University.
- Darvill, T. 1999. The historic environment, historic landscapes, and space-time-action models in landscape archaeology. In: Ucko, P. *The Archaeology and Anthropology of Landscape*. London: Routledge.
- Delforge, A. 2010. *O gerenciamento do patrimônio arqueológico no Estado de Minas Gerais utilizando-se sistema de informações geográficas (SIG)*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- Dunnell, R. 1992. The Notion Site. In: Rossignol, J. & Wandsnider, L. *Space, Time and Archaeological landscapes*. New York: Plenum Press. p. 21-40.
- Ecology, A.E. 2012. *Estudo de Impacto Ambiental Expansão Serra Azul – Sistema de Disposição de Rejeito*. Belo Horizonte.
- GATE-CPRM. 2005. *Projeto APA SUL RMBH - Estudos do Meio Físico*. CEMIG/CPRM. Belo Horizonte: CPRM.
- Gibson, J.J. 1986. *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Guimarães, A. 2009. O Caminho Velho das Minas: a descrição de Antonil, os mapas coevos e a cartografia moderna. III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. *Anais...*
- Guimarães, A.R. 2008. *Inácio de Souza e os Falsários do Paraopeba: Minas Gerais nas redes mundializadas do século XVIII*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- Guimarães, C.M. 2008. *Levantamento Histórico-Arqueológico da Estrada Real: o Capão do Lana – Ouro Preto/MG*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais / Laboratório de Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Guimarães, C.M. & Reis, L.M. 1987. Agricultura e caminhos de Minas Gerais (1700/1750). *Revista do Departamento de História*.

Guimarães, C. M.; Pereira, A. B., & Nascimento, E. L. 2004. Arqueologia de Uma Rebelião no Império Colonial Português (A Revolta de 1720 e o Morro da Queimada - Minas Gerais) . *IV Congresso de Arqueologia Peninsular*.

Guimarães, C.M.; Reis, F.M. & Pereira, A.B. 2003. Arqueologia da Mineração Colonial: o Forte de Brumadinho, um estudo de caso (Minas Gerais/Brasil - século XVIII - XIX). XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. São Paulo. *Anais...*

Guimarães, C.M.; Reis, F.M.; Pereira, A.B.; Nascimento, E.L., & Oliveira Neto, L.F. 2003. Arqueologia da Mineração Colonial: Documentos, Canais e Mundéus. *Atas do Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*.

Ingold, T. 2000. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

Linke, V. & Isnardis, A. 2008. Concepções estéticas dos conjuntos gráficos da Tradição Planalto, na região de Diamantina (Brasil Central). *Revista de Arqueologia (Belém)*, 21: 27-43.

Lume, E.A. 2011. *Diagnóstico do Potencial Arqueológico Barragem Congonhas - Itabirito/MG*. Belo Horizonte: Vale S.A.

Lume, E.A. 2013. *Avaliação Arqueológica da Estação Ecológica de Fechos - Relatório Final*. Belo Horizonte: Vale S.A.

Lume, E.A. 2014a. *Avaliação Arqueológica da Mina Córrego do Feijão - Brumadinho/MG - Relatório Final*. Belo Horizonte: Vale S.A.

Lume, E.A. 2014b. *Avaliação Arqueológica do Parque Estadual Serra do Rola Moça - Relatório Final*. Belo Horizonte: Vale S.A.

Lume, E.A. 2015. *Prospecção Arqueológica da Barragem Maravilhas III - Itabirito/MG - Relatório Final*. Belo Horizonte: Vale S.A.

M.C. Consultoria. 2010. *Relatório de Prospecção Arqueológica – Estrada de Ligação entre a Mina do Pico e a Mina de Fábrica*. Belo Horizonte: Vale S.A.

M.C. Consultoria. 2011. *Relatório de Diagnóstico Arqueológico - Ampliação Mina do Pico*. Belo Horizonte: Vale S.A.

Nicho, E.C. 2010. *Estudo de Impacto Ambiental: Complexo Paraopeba - Desenvolvimento da Mina Capão Xavier*. Belo Horizonte: Vale S.A.

Oliveira, O.A.; Olivito, J.P. & Rodrigues-Silva, D. 2011. Caracterização Da Unidade Espelológica e das Unidades Geomorfológicas Da Região Do Quadrilátero Ferrífero - MG. *Espeleo-Tema*, 22(1): 61-80.

Piló, H., & Baeta, A.M. 2007. As Ocupações Pré-coloniais nos campos ferruginosos de Minas Gerais. In: Simpósio de Arqueologia e Patrimônio. Juiz de Fora. *Anais...*

Prous, A. & Baeta, A. 1992-1993. Elementos de cronologia, descrição de atributos e tipologia. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG. Vol. XIII/IX.*

Sahlins, M. 2001. *Ilhas de história.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SEMAD/IEF. 2007. *Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Rola Moça, Incluindo a Estação Ecológica de Fechos.* Belo Horizonte: SEMAD/MG & IEF/MG.

Sete, S.E. 2010. *Prospecção e resgate arqueológicos dos sítios arqueológicos Antena e Várzea do Lopes - Mina Várzea do Lopes, Itabirito/MG.* G. Açominas, Ed. Belo Horizonte.

Sete, S.E. 2011. *Estudo de Impacto Ambiental - Projeto de Ampliação da Mina Abóboras - Rio Acima e Nova Lima/MG.* Belo Horizonte: Vale S.A.

Sete, S.E. 2012. *Projeto de desenvolvimento do Complexo Vargem Grande - Nova Lima e Rio Acima/MG.* Belo Horizonte: Vale S.A.

Siqueira, A.S.; Mota, J.F. & Prous, A. 1989. *L'art rupestre de la Pedra Pintada de Cocais, Minas Gerais, Brésil.* Paris: Musée de l'Homme, Institut d'Ethnologie, Archives et Documents, Micro-Edition, R 89 039 534.

Varajão, C.A.; Salgado, A.A.; Varajão, A.F.; Braucher, R.; Colin, F. & Jr., H.A. 2009. Estudo da evolução da paisagem do quadrilátero ferrífero (Minas Gerais, Brasil) por meio da mensuração das taxas de erosão (10be) e da pedogênese. *Revista Brasileira de Ciências do Solo*, 33(5): 1409-1425.

Vasconcelos, D.P. 1901. Breve descrição geographica, physica e politica da Capitania de Minas Geraes. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 6: 761-853.

Willey, G. & Phillips, P. 1958. *Method and Theory in American Archaeology.* Tuscaloosa: University of Chicago Press.